

RESENHA

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: __. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

Resenhado por Katiane Régis Pereira Martins*

Narrativa e resistência faz parte do trabalho de Alfredo Bosi intitulado Literatura e resistência. No dizer de Jaime Ginzburg, a publicação deste trabalho traz algo novo na trajetória do autor abordado, pois dentre todos os seus livros, este é o que mais longe foi na inserção política do discurso crítico.

Inicialmente podemos observar que o autor propõe o conceito da palavra resistência, pois para que possamos ter um real entendimento do assunto se torna de suma importância a conceituação de tal termo, que para o autor resistência é um conceito originariamente ético, e não estético, pois para Bosi o ato de resistir é não ceder à outra força, impondo assim o querer do indivíduo em si.

Não obstante, o autor tenta por meio de poucas palavras explicar o que é arte e exprime o seu pensar dizendo que arte não é uma atividade provinda da força de vontade das pessoas, pois ela surge com o desenvolvimento das potências do conhecimento, que para ele são: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. E recorrendo a Benedetto Croce expõe, de maneira bem sutil, as definições das potências cognitivas e das potências da vida prática, as quais aquelas são a intuição e a razão; e estas são o desejo e a vontade. Por conseguinte, diz que de acordo com o universo harmônico da filosofia de Croce, a intuição é o fundamento da arte, mas que não precisa passar pelo teste de verificação da realidade. Já à razão, sim.

Para o autor na ordem da práxis o desejo rege a satisfação das precisões ditas primárias ligadas à sobrevivência do indivíduo e da espécie. No entanto, a vontade seria as ações livres e responsáveis que constituem as esferas ética e política. Para ele depois de expostas e compreendidas tais coisas não se deveria misturar os conceitos que são próprios da arte com conceitos que são próprios da ética e da política, pois estas são distintas entre si.

* Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei – FECR. Graduada em Letras português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. (katyregismartins@hotmail.com) Tel.: (86) 9 9924-9770.

Bosi no subtópico “o romance e o tratamento dos valores” vem por em cheque a diferença entre os valores de um homem de ação e os valores preexistentes em romances. E começa por dizer que aquele, o homem de ação, é movido por valores, que por sua vez são objetos da sua vontade intencional, pois o valor, como afirma Bosi, está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação.

Os valores e antivalores existem para cada um de nós, mas para poetas a existência torna-se bem mais forte, pois eles captam e exprimem tais valores através de imagens, figuras, gestos, vozes e outros artifícios que possuem. Para Bosi, torna-se de suma importância manter a análise diferencial do termo “valor” ao passo que, no homem de ação a efetivação dos valores está intimamente ligada com a realidade, ou seja, a verdade das suas realizações. Sendo assim, é o princípio da realidade que rege a realização dos valores no campo ético.

Em relação à situação do romance, podemos perceber que este dispõe de uma liberdade inventiva. A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas, com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador inventa, segundo o seu desejo, isso tudo devido à exploração das técnicas do foco narrativo, pois o romancista ao se ater a esses valores poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio.

Com relação ao subtópico “resistência como tema da narrativa” podemos observar que o autor usou de exemplos de obras que produziram o cerne da chamada literatura de resistência, pois obras como: *Memórias do cárcere* de Graciliano Ramos, *Se questo è un uomo*, de Primo Levi, para não citar outras, trazem em seu corpo traços de resistência aos valores pregados em certas culturas; obras estas que mostram como era a vida, seja ela política ou não, nas sociedades dos anos que permeiam entre 1930 e 1950.

Bosi, no último subtópico, o qual intitulou “resistência como forma imanente da escrita” expõe inicialmente o que já havia sido exposto no início do texto e continua por incentivar o leitor a aprofundar seu campo de visão, para que este possa detectar em determinadas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, enquanto tema. E profere mais, que quem diz escrita fala em categorias formadoras do texto narrativo, como o ponto de vista e a estilização da linguagem. O autor vê nesses dois processos

uma interiorização do trabalho do narrador. A escrita resistente, para ele é aquela opção que escolherá os temas, situações, personagens e decorre de um *a priori* ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes.

Por fim concluímos que a resistência é um movimento interno ao foco narrativo e que a escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante, resgata também o que foi calado. Podemos então levantar o ponto de vista de que o autor expõe seus argumentos referentes ao tema “narrativa e resistência” de forma bastante exemplificativa, pois usa de exemplos para tentar estabelecer a melhor compreensão sobre o tema, mas que muitas vezes esse tipo de artifício torna-se algo negativo na construção do entendimento do texto, pois torna-o demasiado em sua escrita.